
A Ética Social Brasileira e o Espírito de “Raízes do Brasil”

Leonardo Almeida*

No presente artigo buscamos analisar algumas dentre as principais as influências do pensamento de Max Weber sobre Sérgio Buarque de Holanda em relação à obra *Raízes do Brasil* e apontar alguns possíveis desdobramentos de tal influência sobre sua interpretação do Brasil. A partir de dois eixos principais abordamos inicialmente a viagem do brasileiro à Alemanha, bem como o contexto em que surge a obra para, em seguida, problematizarmos a análise de uma ética social brasileira analisada pelo autor a partir do que entendemos como sendo um *contraponto* à ética protestante analisada por Weber quando do surgimento do capitalismo moderno.

O lançamento da referida obra data de 1936, ano em que Sérgio Buarque de Holanda completava 34 anos de idade. Até então a experiência e a maturidade intelectual do autor ainda não passavam institucionalmente pela academia. Sérgio Buarque durante os anos 1920 cursava Direito no Rio de Janeiro e esteve envolvido com o movimento modernista. Entretanto, um fato caracteriza uma das principais influências na formação intelectual de nosso autor, o qual tomaremos como ponto relevante para nossa análise. Trata-se da viagem que realizou no ano de 1929 para a Alemanha, onde permaneceu durante mais de um ano como correspondente de um jornal. Neste período, Sérgio Buarque tivera contato e conhecimento de pensadores alemães que despontavam à época como, por exemplo, Simmel e Sombart. Soma-se a estes, o principal autor para o propósito de nossas reflexões, o qual a nosso ver foi o que mais influenciou Sérgio Buarque na redação de *Raízes do Brasil*, o alemão sociólogo Max Weber. A respeito do mencionado período em que Holanda permanece na Alemanha, Francisco Iglésias (1992, p. 18-19) sugere que:

O gosto pela História e pela reflexão sociológica deve ter aumentado senão nascido em Berlim, quando lê quanto se publica e frequenta alguns cursos ou

* Autor de *Marxism and Psychoanalysis (Marxismo e Psicanálise)*.

escolas, nos quais terá ouvido lições de Friedrich Meinecke, lê Sombart e Max Weber e toma conhecimento de vigorosa literatura de língua alemã, de Brecht, Kafka, Rilke, os Mann, poetas, romancistas e teatrólogos no uso da linguagem até então desconhecida e da qual o Brasil estava tão longe como de Sirius.

No texto de Brasil Pinheiro Machado, *Raízes do Brasil: uma releitura* (1976), o autor argumenta que todas as grandes obras elaboradas no sentido de interpretar o Brasil foram livros de crise, quer dizer, tiveram alguma ligação com o papel e a inserção do Brasil no capitalismo mundial, o que, no que concerne a Sérgio Buarque de Holanda não se deu de forma diferente. Mais especificamente, quando da redação de *Raízes do Brasil*, a década de 1920 se circunscrevia como sendo um período entre duas grandes guerras mundiais, de depressão do capitalismo a partir da crise de 1929, da emergência de regimes fascistas e do nazismo e do abandono de princípios econômicos liberais, ao passo que no Brasil passávamos pela revolução de 1930, momento que historicamente marca o fim da República Velha e o início de uma nova ordem político-econômica. No debate com o contexto capitalista internacional, Machado (1976, p.160-161) argumenta que:

Muitas das raízes do pensamento de Sérgio Buarque, que formam os alicerces de *Raízes do Brasil*, estão presas aquele terreno de compreensão do capitalismo. A coluna vertebral de seu livro é a procura das origens do tradicionalismo da sociedade brasileira, primeiro, e, depois das condições e circunstâncias da passagem do tradicionalismo para a racionalidade capitalista (...). O caminho seguido em *Raízes do Brasil* não parte da conceituação do capitalismo, mas da formação e desenvolvimento da sociedade brasileira em conflito com a racionalidade capitalista, que lhe é exterior.

Podemos, sem medo de errar, sugerir que a viagem de Sérgio Buarque à Europa, mais especificamente à Alemanha, nos permita considerar que houve um “Sérgio Buarque” antes da viagem e outro depois que regressara, considerando-se assim, que esta tenha sido de extrema importância para a maturidade tanto intelectual como pessoal do pensador brasileiro¹.

Para quem se interessa em compreender mais a fundo esta obra clássica, não só da historiografia, mas das ciências sociais brasileiras como um todo há que se destacar as diferenças entre a primeira e as demais edições da obra. Sua primeira edição data do ano de 1936, ao passo que a segunda edição é de 1948, ou seja, 12 anos de diferença. Entre uma e outra edição existem mudanças significativas. Em linhas gerais, argumenta-se que Sérgio Buarque tenha sido muito mais *sociológico* na primeira edição, ao passo que tenha se tornado mais *histórico* na segunda, ou ainda que na primeira edição Sérgio Buarque

¹ “Francisco de Assis Barbosa escreveu com justeza que com a viagem à Alemanha, encerra-se para Sérgio sua etapa de mocidade, a de seu aprendizado. Voltará outro” (IGLÉSIAS, 1992, p. 21).

tenha sido um *ensaísta*, mas que tenha, contudo, tentado atribuir um caráter digamos que mais *monográfico* na segunda edição.

No texto *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda* (2000), Robert Wergner sugere que o historiador norte-americano Richard Morse classificava as obras focadas nos estudos históricos da colonização do continente americano como sendo caracterizadas entre uma lógica *genética*, referida a um transplante das instituições do Velho Mundo para cá, o que geralmente redundaria em uma comparação entre a Anglo-América e a Íbero-América e uma lógica *situacional*, que de alguma maneira buscaria algo que pudesse significar marcas específicas encontradas no Novo Mundo. Wegner (2000, p. 240) sugere que na primeira parte da obra, Holanda teria empreendido um estudo que visasse elucidar o Brasil a partir de uma lógica *genética*, “pois nela a construção do tradicionalismo brasileiro está fundada na reconstituição do legado ibérico”, enquanto que numa segunda linha de argumentação do livro, a lógica *situacional* é que teria sido valorizada, tanto aí como nas obras futuras do autor como, por exemplo, em *Monções* (1945). Haveria, portanto, um desconforto do autor com a lógica *genética* acentuada na primeira edição, fazendo com que a amenização de tal perspectiva interpretativa² tenha sido pelo menos uma tentativa para a segunda edição de doze anos depois.

Max Weber e Sérgio Buarque de Holanda: Ética social, religião e a especificidade da *cordialidade* brasileira

A sensibilidade à percepção da influência da sociologia weberiana em Sérgio Buarque é um tema que demanda um esforço ímpar, além de já ter sido caracterizado como um tema que tenha despertado interesses distintos. Tal relação se dá tanto no que concerne à utilização de categorias do primeiro pelo segundo, tanto quanto a um diálogo implícito na forma de analisar a formação de uma ética social brasileira específica, assim como um diálogo explícito evidenciado pelo grande número de citações feitas por Holanda. Para se ter uma ideia, de acordo com o índice remissivo do livro, Weber é, de longe, o autor mais citado nominalmente, ao longo do texto e das notas, em um total de dez vezes, fora as referências a conceitos e categorias utilizadas pelo sociólogo alemão³.

² Refere-se Wegner (1999, p. 240) a tal situação quando diz que “a ampla revisão promovida pelo autor para a publicação da segunda edição de *Raízes do Brasil*, lançada em 1948, alerta-nos para seu desconforto em relação a essa forma de interpretar”.

³ As citações são às páginas: 13, 17, 90, 95, 146, 198 n25, 199 n1, 202 n5, 204-5 n1, 205 n2. In: Índice remissivo (HOLANDA, 1995).

Uma importante análise neste sentido é feita por Pedro Meira Monteiro. Este autor sugere que, a respeito da influência de Weber sobre Sérgio Buarque, estas recaem, sobretudo, em relação a questões metodológicas como a formação de *tipos ideais* em Sérgio Buarque, como *aventura* ou *cordialidade*, além de outras categorias como individualidades históricas, ética social e condutas individuais. Entretanto, o autor não deixa de mencionar que as influências que possam ter ocorrido sobre Sérgio Buarque não se esgotam, de maneira alguma, exclusivamente em Weber dizendo que “se atentarmos bem, veremos que, se a presença de Weber em *Raízes do Brasil* é bastante clara, ela, contudo, não é exclusiva e nem mesmo dogmática, embora seja fundamental e iluminadora” (MONTEIRO, 1999, p. 61).

Não restam dúvidas quanto ao fato de que a influência da produção e da metodologia weberiana em Sérgio Buarque não são exclusivas, nem determinantes e nem tão pouco assimiladas diretamente pelo autor. Ao contrário, Sérgio Buarque, por vezes aplica conceitos e teses de Weber de forma inversa ou ao menos de maneira divergente da de Max Weber, conforme veremos adiante.

Já no início do livro⁴ sugere que o Brasil recebe ao mesmo tempo que a colonização ibérica, a ética e o espírito católico. Para o autor em tela, esta nossa racionalidade não permitiria que se desenvolvesse aqui uma ética do trabalho similar a de povos protestantes. A racionalidade brasileira não possuía uma *afinidade eletiva* com a ética do trabalho típica de países protestantes, especialmente os calvinistas. Em *Raízes do Brasil*, o autor brasileiro, portanto, empreendeu uma tentativa de compreender a formação de nossa sociedade, tendo como ponto de partida as nossas raízes ibéricas. Estas nossas raízes podem ser resumidas em especificidades da ética social de nossa colonização enumeradas e caracterizadas ao longo do livro como, por exemplo, o *ruralismo*, o *patriarcalismo* e o *personalismo* que são sintetizados e melhor definidos na concepção de *homem cordial*. Sérgio Buarque define categoricamente o que diferenciou os países do eixo ibérico dos demais no que tange à racionalidade capitalista quando diz que:

Em realidade não é pela maior temperança no gosto das riquezas que se separam os espanhóis ou portugueses de outros povos, entre os quais viria a florescer essa criação tipicamente burguesa que é a chamada mentalidade capitalista. Não o é sequer por sua menor parvificência, pecado que os moralistas medievais apresentavam como uma das modalidades mais funestas da avareza. O que principalmente os distingue é, isto sim, certa incapacidade, que se diria congênita, de fazer prevalecer qualquer forma de ordenação impessoal e mecânica sobre as relações de caráter orgânico e comunal, como

⁴ Capítulo 1: Fronteiras da Europa.

o são as que se fundam no parentesco, na vizinhança e na amizade (Holanda, 1995, p. 137).

Focando-nos neste ponto torna-se possível que elucidemos a influência do pensamento weberiano sobre Sérgio Buarque de Holanda na tentativa do autor de caracterizar as razões que não teriam permitido que o Brasil ingressasse em uma ordem racional capitalista.

Grande parte da contribuição de Max Weber para a compreensão do desenvolvimento do capitalismo se sintetiza no fato de que este autor identificou um processo racionalizador característico do Ocidente Moderno, o qual, possuía uma origem religiosa, sobretudo na tradição judaico-cristã, sendo mais bem acabado nas seitas protestantes calvinistas, bem expressado na Inglaterra, nos Países Baixos e, sobretudo, nos Estados Unidos (EUA), ao longo dos três últimos séculos antecedentes ao século XX. O destaque protagonizado por esse segmento religioso dentre as seitas protestantes é notável nestes países, sobretudo no que tange ao desenvolvimento econômico. Neste sentido, entende o pensador alemão que:

A questão das forças motivadoras da expansão do capitalismo moderno não é, em primeira instância, uma questão de origem das somas de capital disponíveis para uso capitalístico, mas, principalmente, do desenvolvimento do espírito do capitalismo. Onde ele aparece e é capaz de se desenvolver, ele produz seu próprio capital e seu suprimento monetário como meio para seus fins, e não o inverso (WEBER, 1994, p. 45)

A doutrina calvinista da *predestinação* sugeriria que a *salvação* humana já estaria previamente estabelecida, sendo que ao indivíduo não caberia saber se estava salvo ou não, já que as motivações e razões para tal *eleição* seriam compreendidas exclusivamente por Deus e não pelos homens. Aos homens caberia apenas se comportar como eleitos, já que o *signal da salvação* seria expresso através da *certeza da salvação*. Entretanto, a manifestação dessa *certeza* se dava através de atividades seculares, sobretudo no mundo do trabalho e da produção material. Weber sintetiza em *A Psicologia Social das Religiões Mundiais* o que é característico da ascese vivida no mundo:

Precisamente por sua rejeição, o ascetismo não fugiu do mundo, como ocorreu com a contemplação. Ao invés disso, ele desejou racionalizar o mundo eticamente de acordo com os mandamentos de Deus (...). No ascetismo no mundo, a graça e o estado de escolhido do homem religiosamente qualificado submetem-se à prova na vida diária (...). Transformada racionalmente numa vocação, a conduta cotidiana torna-se central para a comprovação do estado de graça. As seitas ocidentais dos virtuosos religiosos fermentaram a racionalização metódica da conduta, inclusive a econômica (WEBER, 1982, p. 335).

Segundo a interpretação de Weber existiram, portanto, apenas dois caminhos pelos quais seria possível fugir, de forma coerente, das tensões que existiriam entre a religião e a economia: a ideia de vocação e a doutrina da predestinação.

A vocação puritana, como elemento de suma importância no desenvolvimento do capitalismo “renunciou ao universalismo do amor, e rotinizou racionalmente todo o trabalho neste mundo, como sendo um serviço à vontade de Deus e uma comprovação do estado de graça” (WEBER, 1982, p. 381). Tal ideia de *vocação* que Weber desenvolve acerca do protestantismo ascético em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* se configura como um elemento de profunda relevância quando se pensa na diferenciação que ocorreu entre a ética protestante e a ética católica. Enquanto a ética católica preconizava o exercício pleno da fé, só possível efetivamente com o afastamento do mundo, o protestantismo entendia que o mundo, especialmente o mundo do trabalho, poderia se tornar o *locus* principal onde se viver plenamente a vocação e mais ainda, de se demonstrar aí, a *certeza da salvação*. Weber, portanto, reconhece que nestes termos, Calvino rompe decisivamente com o catolicismo e também com o luteranismo quando desloca a possibilidade de se viver a busca pela salvação no mundo, ao contrário da recusa do mundo como única forma de ascetismo.

Esse modelo de ascese, portanto, é corroborado, ao mesmo tempo em que corrobora o racionalismo ocidental que mencionamos, pois sugere que a *certeza da salvação* possa ser manifestada na vida cotidiana secular, sobretudo no mundo do trabalho, racionalizando a conduta de vida no sentido desse valor supremo. No protestantismo ascético é a uniformidade total da condução da vida que determinará a conquista da salvação, e não apenas ações isoladas, já que para o calvinista, a salvação vem desta ascese cultivada no cotidiano e no mundo, enquanto que no catolicismo, esta provém da recusa do mundo e da absolvição dos pecados.

Os países ibéricos, partidários da Contrarreforma, seriam notadamente marcados por sua contrariedade a qualquer tipo de racionalização, fato que, conforme mencionamos a partir das análises de Weber, seria comum às sociedades protestantes, especialmente as influenciadas pela doutrina calvinista. Contribui ainda, neste sentido, a rejeição à impessoalização das relações cotidianas, a qual é vista como uma característica importante nos países ibéricos.

Em *Raízes do Brasil*, Holanda demonstrou que a colonização ibérica empreendida em nosso país, por ser mandatária da teologia e da ética católica da Contrarreforma, teria se caracterizado pelo espírito de *aventura*, pelo *personalismo*, pelo *ruralismo* e pelo

patriarcalismo resultando no *homem cordial*. Esta *ética cordial*, portanto, a qual se tornou característica específica de nosso país, se configuraria, para o autor, como um momento-chave para o impedimento do estabelecimento de uma ordem racional capitalista moderna entre nós, já que este seria um tipo avesso à personalidade e à valorização do trabalho cotidiano. Ao contrário, o *homem cordial* era caracterizado por uma ética emocional, a qual permeou nossa cultura e as nossas instituições, inclusive a política e a própria religião. Sobre a ética social desenvolvida em nosso país em *Raízes do Brasil*, Pedro Meira Monteiro traz de modo sintetizado o que mencionamos quando sugere:

Se Sérgio Buarque situou-nos inicialmente como o resultado da expansão ibérica, foi para apreciar a origem de uma colonização que, no caso brasileiro, desenvolveria o culto da personalidade no sentido mais afetivo e mais *cordial*, de fato. Éramos, deste ponto de vista, o avesso do agente capitalista, o qual, desde que a moral do trabalho se laicizara, pautava-se tipicamente pela extrema racionalidade, que constituiria, de sua feita, um mercado impessoal, sobre as bases do cálculo e da contenção presciente do ganho (MONTEIRO, 1999, p. 237).

Decorre daí, então, que Sérgio Buarque buscava encontrar em nosso país, uma *ética social* específica, a qual pudesse explicar porque a sociedade brasileira não possuía, então, alguma afinidade eletiva com a racionalidade capitalista burguesa. Neste contexto é que, ao refletir acerca dos diferentes usos de Weber nas ciências sociais brasileiras, e mais especificamente a respeito do autor de *Raízes do Brasil*, Carlos Eduardo Sell (2007, p. 244) sugere que “Sérgio Buarque representa a persistência de uma concepção cultural sobre a realidade brasileira, centrada na noção de ‘homem cordial’ como contraponto ao ‘homem racional’ protestante”.

Entre algumas linhas de argumentação neste sentido, podemos apontar o historiador Brasil Pinheiro Machado (1976), o qual sugeria que o nosso país foi apenas tocado marginalmente pelo capitalismo e que dessa forma, *Raízes do Brasil* trataria do conflito entre o desenvolvimento da sociedade brasileira e a racionalidade capitalista, a qual seria exterior a nós, já que aqui prevalecera a predominância do afetivo sobre o racional. Por essa razão, Machado entende que os pontos principais do livro tratam primeiramente das origens do nosso tradicionalismo, para depois tratar das condições para a passagem deste tradicionalismo para a mentalidade racional burguesa capitalista.

Uma consideração importante feita pelo autor é que, de acordo com nossas *raízes ibéricas*, nossos colonizadores optaram pela contrarreforma, ou seja, pela *ética de Trento*, a qual chegou até nós através da Companhia de Jesus e que configurou uma ética religiosa diretamente oposta à ética protestante, o que na argumentação de Machado (1976, p. 166) explicaria nossa ética social aqui formada. O autor percebe que o desenvolvimento

histórico brasileiro marcado pelo predomínio do *ruralismo*, pela *cordialidade* como valor, tendo a família como primeira forma de socialização, *ausência de democracia* e *patrimonialismo* foi tendo o seu perfil modificado a partir do surgimento das *idades*, o que também fora uma importante categoria weberiana na análise do capitalismo ocidental. Sugere, então, Machado (1976, p. 176) que:

Raízes do Brasil pode ser lido antes como um estudo do desenvolvimento do espírito capitalista na sociedade brasileira do que como uma análise da incorporação dessa sociedade no campo de dominação do capitalismo mundial em expansão. Nesse enfoque é que seu autor pôde usar as categorias históricas que Weber elaborou para a investigação do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais. E, entre elas, a mais desenvolvida no livro de Sérgio Buarque foi a cidade. Foi nas condições urbanas que pôde se expandir o domínio político da burguesia, cujas “virtudes” imprimiram ao capitalismo o seu selo específico, de modo a se identificar ética burguesa e capitalismo.

Mesmo com o surgimento das cidades – o que faria com que a *cordialidade* fosse aos poucos perdendo o valor que possuía outrora – o *patrimonialismo* promovido pelas castas rurais que se apossavam do público, agora no espaço urbano e a ausência de uma revolução burguesa, seriam fatores que, ao ver de Machado, não fizeram com que Sérgio Buarque de Holanda aproximasse nosso modelo de ética social do racional protestante analisado pelo sociólogo alemão.

Compreendendo que Sérgio Buarque empreendera uma análise do Brasil em uma perspectiva não apenas da influência, mas também da relação entre nosso país e o contexto capitalista internacional, Machado conclui argumentando que em *Raízes do Brasil* o poder político e a dominação social ao longo do nosso desenvolvimento histórico são resultados de um tipo ético social que resistiu ao longo do tempo ao surgimento do espírito da racionalidade capitalista, temática essa que é, portanto, a grande tônica do livro, sobre a qual conclui sugerindo que *Raízes do Brasil* “esgotou os temas de sua época sem se tornar inatural porque preparou o embasamento sobre o qual deve surgir, na mesma ordem de preocupação, a temática da época que se segue: a revolução burguesa no Brasil” (1976, p. 179).

Robert Wegner, também atento à relação entre religião e ética social em *Raízes do Brasil* sugere em *Um ensaio entre o passado e o futuro* (2006) que na análise sobre o papel da religião no Brasil, Sérgio Buarque empreendera uma tarefa que sofreu uma grande influência dos estudos de Weber sobre o protestantismo ascético na emergência do capitalismo. Uma importante menção feita por Wegner seria a de que Sérgio Buarque entendia que o termo *vocação* não teria encontrado, não apenas em nosso país, mas nos países de língua portuguesa em geral, tal semelhança ou atrelamento entre trabalho e

chamado como nas traduções da Bíblia em países protestantes. Aqui também, a *predestinação* foi oposta ao princípio do livre-arbítrio, já que entre nós importaria “antes do ócio do que o negócio”, ou seja, a atividade produtora importaria menos do que a contemplação. Argumenta Wegner (2006, p. 358) que:

Assim, se partindo das doutrinas teológicas encontramos no universo católico uma resistência a algo que remeta à predestinação em detrimento do livre-arbítrio, no mundo da conduta chegamos a uma ética na qual o trabalho não se torna um valor justificado em si mesmo.

Para Wegner, portanto, em Sérgio Buarque, o Brasil teria seguido o catolicismo da Contrarreforma. Desse modo, para o plano da conduta, apesar de o autor considerar a religião como contendo a possibilidade de ser geradora de valores e de formar personalidade⁵, em nosso país, ao contrário, a religião não possuía tal força para impor sua ordem, já que a *cordialidade* era transposta ao domínio do religioso fazendo com que nossa religiosidade fosse íntima até com os santos e avessa às distâncias e às impessoalidades, traços característicos do *homem cordial* brasileiro.

Considerações finais

Se não se esgotam em Weber, ao menos as principais análises que Sérgio Buarque empreendeu na busca de elucidar a ética social brasileira que explicaria nosso *atraso* ou nossa dificuldade para ingressar na *modernidade*, ele têm no pensador alemão um importantíssimo contraponto. Podemos sugerir que, a concepção de *homem cordial*, tema caro a Sérgio Buarque, tendo sido inclusive motivo de controvérsia pública entre ele e Cassiano Ricardo em 1948, tem sim, como antítese o modelo ético racional protestante elaborado por Weber para explicar a emergência do capitalismo moderno em países que levaram a cabo o protestantismo de caráter ascético. Sobre o *homem cordial* no Brasil, Pedro Meira Monteiro sintetiza o que mencionamos sugerindo que:

A ideia do “homem cordial”, como vimos, estabelece, de acordo com uma construção de orientação weberiana, uma conduta típica dos homens no Brasil, que recusam a abstração das relações políticas e se atêm ao círculo das relações primárias (...). A imaginação teórica do historiador facultou-lhe a criação de um “tipo ético”, que condensa a ligação fundamental do homem brasileiro à família, esta outra “individualidade ética”, que nos permite pensar nas “raízes rurais” de nossa sociedade, a partir da ideia de uma sociedade patriarcal e de um governo patrimonial. Para Weber, a própria gestão patrimonial exclui, ou pelo menos inviabiliza, a adoção de fins objetivos e impessoais no trato da

⁵ “Avançando e arriscando um pouco mais, podemos supor que, se Sérgio Buarque não acreditava que as mudanças materiais eram suficientes para definir mudanças de mentalidade, procurava, em sua narrativa histórica, elementos que a tivessem operado. Ao mesmo tempo em que captava uma revolução silenciosa que já durava mais de cem anos, o autor considera que a casa de máquinas criadora de valores permanecia na esfera da religião (WEGNER, 2006, p. 356).”

máquina oficial. O espaço público, oficial, sempre foi, no Brasil, o reino do homem cordial, que transmitia à esfera do governo o princípio irracional da vontade arbitrária do senhor, impedindo a constituição de uma burocracia em moldes racionais (MONTEIRO, 1999, p. 228).

Em síntese, em *Raízes do Brasil*, a *cordialidade*, permeando outros âmbitos da vida social brasileira, principalmente o Estado e até mesmo a ética religiosa, ao longo de nossa história, teria encontrado uma afinidade eletiva com a ética católica ibérica da Contrarreforma e da Companhia de Jesus, o que contribuiu de forma decisiva à resistência ao estabelecimento de um capitalismo racional moderno no Brasil nos mesmos moldes que Weber percebeu nos países que estavam sob a ética de um protestantismo de caráter ascético, afinados eletivamente com a racionalidade capitalista.

Ademais, como nota final, há que se ressaltar que o recorte que fizemos para tal análise não abarcou outras agendas e possibilidades de pesquisa e de interpretações a respeito da influência de *Raízes do Brasil*, bem como do conjunto da obra de Sérgio Buarque de Holanda sobre o pensamento brasileiro contemporâneo. Em tom mais crítico e incisivo, Jessé Souza (2015; 2017) mais recentemente, é um dos principais pensadores que critica os desdobramentos e as influências do ideário histórico, político e social elaborados por Sérgio Buarque de Holanda sobre o Brasil, a partir de diversos eixos como: o *abandono* do tema da escravidão em detrimento da abstrata herança do *patrimonialismo* português sobre a sociedade brasileira; a comparação subalternizada do Brasil com uma imagem idealizada dos Estados Unidos; ou ainda a distorção que o conceito genérico de *homem cordial* cria na análise das classes sociais, o que propiciou a prevalência da linhagem de um *culturalismo liberal-conservador* na interpretação do Brasil contemporâneo percebida em autores como Raymundo Faoro e Roberto da Matta.

Referências

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IGLÉSIAS, Francisco. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: *Sérgio Buarque de Holanda: 3º colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MACHADO, Brasil Pinheiro. *Raízes do Brasil: uma releitura*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy. (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro. EdUERJ, 2008.

MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1999.

SELL, Carlos Eduardo. Leituras de Weber e do Brasil: da política à religião, do atraso à modernidade. *Ciências Sociais*. Unisinos. São Leopoldo, Vol. 43, nº 003. 2007.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava-Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. Rio de Janeiro: Leya, 2015.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1994.

WEBER, Max. *As seitas protestantes e o espírito do capitalismo*. In: *Ensaio de Sociologia*. 5ª edição. Rio de Janeiro. LTC, 1982.

WEBER, Max. *Psicologia social das religiões mundiais*. In: *Ensaio de Sociologia*. 5ª edição. Rio de Janeiro. LTC, 1982.

WEBER, Max. *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*. In: *Ensaio de Sociologia*. 5ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEGNER, R. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000.

WEGNER, R. *Latas de Leite em Pó e Garrafas de uísque: um modernista na Universidade*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy. (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda*. Perspectivas. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro. EdUERJ, 2008.

WEGNER, R. *Os Estados Unidos e a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: SOUZA, Jessé. (org.) *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

WEGNER, R. *Um ensaio entre o passado e o futuro*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Resumo: Este artigo analisa algumas das influências do pensamento de Max Weber sobre Sérgio Buarque de Holanda em relação à obra *Raízes do Brasil*. Abordamos inicialmente a viagem do brasileiro à Alemanha e o contexto em que surge a obra. Em seguida analisamos a ética social brasileira interpretada a partir de um contraponto do modelo protestante analisado por Weber quando do surgimento do capitalismo.

Palavras-chave: Max Weber; Raízes do Brasil; Sérgio Buarque de Holanda.

Abstract: This article analyzes some of the Max Weber's influences over Sérgio Buarque de Holanda in relation to the book *Raízes do Brasil*. Initially it is approached the Brazilian author travel to Germany in the context in which the book arises. Next, it is analyzed the Brazilian social ethics interpreted from a counterpoint to the Protestant model analyzed by Weber the capitalism was emerging.

Keywords: Max Weber; Raízes do Brasil; Sérgio Buarque de Holanda.